

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA MÁRIO MARTINS
CENTRO DE ESTUDOS PSIQUIÁTRICOS MÁRIO MARTINS

MAYUMI ARANTES YOSHINO

Reflexões sobre o Feminismo

Porto Alegre

2017

MAYUMI ARANTES YOSHINO

Reflexões sobre o Feminismo

Versão Original

Trabalho para Conclusão do Curso apresentado ao Centro de estudos Mário Martins, Fundação Universitária Mário Martins para obtenção de Título de Especialização em Psiquiatria.

Área de concentração: Psiquiatria, Psicoterapia de orientação analítica.

Orientadora: Tatiane Gil Asnis

Porto Alegre

2017

Resumo

O trabalho tem como objetivo analisar os principais representativos dos movimentos feministas desde seu início, tendo como inspiração uma vinheta clínica. Foi pesquisado o contexto histórico e social dos movimentos e uma busca de autores que escrevem sobre o tema. Atualmente, a busca das mulheres feministas é baseada na autenticidade do que é “feminino” e nas ressonâncias de seu livre arbítrio. Conclui-se que as feministas de hoje querem autonomia em relação à influência tradicional exercida pelos homens sobre as definições e significações imaginário-sociais das mulheres. Também se conclui o que pode originar o feminismo radical: um sentimento de incapacidade, inferioridade e baixa autoestima.

Palavras-chaves: Feminismo, feminino, sexualidade, psicanálise.

Sumário

1. Introdução.....	5
2. Fundamentação Teórica.....	6
2.1. Fatos históricos	6
2.2. Feminismo no Brasil.....	5
2.3. “A terceira mulher” de Lipovestky.....	7
2.4. O feminismo radical.....	9
2.5. O feminismo e a psicanálise.....	9
2.6. Novas organizações familiares e o papel da mulher	12
3. Vinheta clínica.....	14
4. Discussão.....	15
5. Considerações finais.....	16
6. Referências bibliográficas.....	19

1. Introdução

O feminismo é um movimento político, social e filosófico que defende a igualdade de direito entre homens e mulheres. O embrião do movimento feminista surgiu na Europa em meados do século XIX, como consequência dos ideais propostos pela revolução francesa, que tinha como lema Liberdade, Igualdade e Fraternidade. No entanto, só começou a se popularizar no mundo ocidental nas primeiras décadas do século XX, questionando o poder social, político e econômico monopolizado pelos homens.

Um dos símbolos que impulsionou o feminismo em meados da década de 60 foi à publicação do livro “O segundo sexo” da escritora e filósofa francesa Simone de Beauvoir¹, que desconstruiu a imagem de que a “hierarquização dos sexos” seria uma questão biológica, mas sim unicamente o fruto de uma construção social pautada em séculos de regimes patriarcais. A partir deste período começa a se disseminar o chamado Feminismo Radical, uma ramificação do pensamento feminista que acredita só ser possível exterminar o machismo com uma revolução profunda e geral eliminando os regimes patriarcais.

Nos dias de hoje, há uma demanda no consultório de muitas pacientes que se dizem feministas. Este trabalho se propõe a fazer uma análise histórica do movimento feminista até os dias de hoje e realizar um entendimento psicológico deste pensar, com um enfoque psicanalítico, tomando como base uma vinheta de caso.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Fatos históricos

A primeira onda do feminismo teve início nas últimas décadas do século XIX na Inglaterra. As “sufragetes”, como eram conhecidas, começaram a reivindicar o direito ao voto, foram presas em várias ocasiões, fizeram greve de fome. Em 1913, a feminista Emily Davidson atirou-se contra o cavalo do rei

na corrida de Derby, e veio a falecer alguns dias depois. Em 1918 as mulheres conquistaram o direito ao voto na Inglaterra².

Em 1949, a filósofa Simone de Beauvoir publica o livro “O Segundo Sexo”^{um}, que veio a influenciar várias décadas seguintes. Beauvoir dizia que “não se nasce mulher, torna-se mulher³”.

Apesar de não ser feminista à época, seu livro se tornou o mais importante trabalho de reflexão filosófica e sociológica sobre a mulher e ajudou a traçar os caminhos do feminismo a partir de então. De acordo com Beauvoir:

“O imenso progresso que a psicanálise realizou na psico-fisiologia foi considerar que nenhum fator intervém na vida psíquica sem ter revestido um sentido humano; não é o corpo–objeto descrito pelos cientistas que exige concretamente e sim o corpo vivido pelo sujeito. A mulher é uma fêmea na medida em que se sente fêmea... Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade”.

Contextualizando as ondas feministas, Célia Pinto, 2010, nos propõe que durante a década de 60 surgiram os movimentos jovens e hippie, coincidentes com a Guerra do Vietnã e Estados Unidos, que contrariavam os valores morais e de consumo norte-americanos. Na Europa, estudantes da Sorbonne ocuparam-na no “Maio de 68”, colocando em xeque a ordem acadêmica somada à desilusão com os partidos burocratizados da esquerda comunista. ². Os protestos e manifestações de 68 marcaram o cenário político em muitos países. Toda uma geração foi influenciada por essa juventude mais integrada. O “espírito libertário” não só criticou os governantes e a política adotada por eles, mas também o tradicionalismo dos valores familiares que ditavam as regras e normas. O movimento feminista certamente foi contagiado por essa onda de contestação. Nos anos 60 mulheres foram às ruas, não só para queimar sutiãs como forma de protesto, foram também anunciar seu descontentamento com a condição subalterna em relação aos homens. O feminismo foi um dos primeiros movimentos a tocar na raiz cultural da desigualdade.

Em 1963, Betty Friedman lança o livro “A Mística Feminina”⁴, que dá escuta às mulheres que falam das relações de poder, liberdade e autonomia sobre sua vida e seu corpo. Os contraceptivos orais surgiram primeiramente nos Estados Unidos nesta década.

Em 1975, a ONU promoveu no México a Conferência Internacional da Mulher. Neste período, temos a segunda onda feminista, de acordo com Célia Pinto². Essa fase foi marcada por questões como o domínio sobre o corpo da mulher, o direito à contracepção e ao aborto.

A Terceira Onda, com origem nos anos 90, começou a discutir os paradigmas estabelecidos nas outras ondas, questionando também a micropolítica, gêneros e dando luz à obra “A Terceira Mulher”⁵ de Lipovestky, que propõe uma nova reflexão sobre a questão do feminino.

2.2. “A terceira mulher” de Lipovestky

Gilles Lipovestky, professor de filosofia na Universidade de Grenoble, na França, conceitua o papel do feminino histórica e socialmente, considerando que as funções femininas e masculinas nunca se sobrepõem, fundamentando-se através da ótica dos gêneros.

Durante a Antiguidade, as atividades femininas eram sempre subalternas, depreciadas. Essa é a primeira mulher delineada pelo autor. Na tradição judaico-cristã, a mulher foi simbolizada com a figura de Eva, a “primeira” pecadora e responsável pela infelicidade do homem. Recoberta pelas trevas, alienada, mais mulher que feminina. Até durante a gestação, dádiva exclusiva das mulheres e uma posse análoga ao falo, nos homens, eram consideradas mero depositário de uma semente plantada pelos homens. Trata-se de uma mulher depreciada.

O conceito da Segunda Mulher proposto por Lipovestky, coincide com o da Idade Média e é caracterizado por uma idealização de alguns papéis: bela, delicada, sagrada, digna de um trono. No entanto, ainda sim subordinada ao marido. Enaltecida, sublimada, rainha do lar, divina, e ainda assim, sem autonomia. Essa idealização ainda manteve a hierarquia entre os sexos. A partir da segunda metade da Idade Média até o século XIX, a mulher passa a ser exaltada. É valorizada a dedicação a casa e aos filhos, sem dúvida. No entanto, o feminino ainda se encontrava aquém de seus desejos e aspirações e, por isso, teve fim este modelo.

A Mulher Indeterminada ou Terceira Mulher de Lipovestky passa a ter seu livre arbítrio. Deixa de ser subordinada às vontades masculinas. Essa é a

mulher atual, com o desenvolvimento de uma liberdade sexual, do controle da procriação, o direito ao divórcio. Seu destino deixa de ser triado e pré-estabelecido. A partir deste marco, passa a ter acesso ao voto, a legitimar seus estudos, programar ou não a maternidade. É indeterminada, pois hoje, homens e mulheres sofrem da angústia de serem responsáveis pelas próprias vidas. A concretude destes novos papéis está estabelecida, entretanto, ainda há um apego afetivo aos antigos papéis. Posso? Devo? É permitido? Os papéis sociais ainda permanecem diferenciados e é justamente nisso que se baseia tal angústia.

2.3. Feminismo no Brasil

No Brasil, Bertha Lutz, bióloga com formação acadêmica europeia, foi à precursora do feminismo. Por aqui, em 1932 as mulheres passaram a ter direito ao voto, com o Novo código Eleitoral Brasileiro. A década de 60 foi de grande efervescência: na música a Bossa Nova, na política, Jânio Quadros renunciava, Jango aceitava o Parlamentarismo. Nesse contexto, houve uma popularização do feminismo no Brasil².

Em março de 1964, ocorreu o Golpe Militar e subsequente ato institucional AI-5, onde o presidente governava de forma ditatorial. A década de 70 e o regime militar foram marcados por grande desconfiança contra qualquer manifestação feminista, consideradas política e moralmente perigosas. Tivemos algumas militantes brasileiras exiladas.

Durante o processo de redemocratização nos anos 80, o feminismo se reorganizou no Brasil, com grupos coletivos em todas as regiões, abrangendo uma gama de temas: violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito a terra, à saúde materno - infantil, luta contra o racismo, opções sexuais. Esses núcleos estavam próximos a bairros pobres e favelas que lutavam por educação, saneamento, habitação e saúde. Essa aproximação foi extremamente importante: o movimento feminista no Brasil, apesar de ter suas origens na classe média intelectualizada, teve uma interface com as classes populares, promovendo novas percepções e discursos.

2.4. O feminismo radical

A permanência do feminismo nos dias de hoje, tem gerado alguns grupos extremistas. Ganhou fama nos últimos anos o grupo feminista Femen de origem ucraniana, que esteve presente em vários protestos durante eventos políticos. De topless e coroa de flores nas cabeças, as Femens apontam pra um machismo e a violência sofrida pelo gênero.

“No início, havia o corpo, sentimento do corpo da mulher, sentimento de alegria porque é tão leve e livre. Então houve injustiça, tão aguda que você a sente com seu corpo, imobiliza o corpo, impede seus movimentos, e então você se vê refém do seu corpo. E assim você vira seu corpo contra essa injustiça, mobilizando a célula de cada corpo para lutar contra o patriarcado e a humilhação. Você diz ao mundo: Nosso Deus é uma Mulher! Nossa Missão é Protesto! Nossa Arma são seios nus!”⁶

As ativistas seguem uma ideologia baseada no feminismo, sextremismo e ateísmo. O sextremismo se apresenta pela rebeldia, através da sexualidade feminina, contra o machismo e com participação política, como pudemos ver recentemente. Ele objetiva destruir o patriarcado (considerado inferior intelectual, físico e psicologicamente) e questionar qual o destino da sexualidade feminina. Esse grupo tem sido responsável por alguns atentados e protestos em ocasiões políticas e públicas.

2.5. O feminismo e a psicanálise

Os conceitos de “masculino” e “feminino” figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos três sentidos. Ora se empregam “masculino” e “feminino” no sentido de *atividade* e *passividade*, ora no sentido *biológico*, ora no sentido *sociológico*. O primeiro desses três sentidos é o essencial, assim como o mais utilizável em psicanálise. A isso se deve, que a libido seja descrita como masculina nos textos de Freud, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo. O segundo sentido de “masculino” e “feminino”, o biológico, é o que admite a definição mais clara. Aqui masculino e feminino caracterizam-se pela

presença de espermatozoides ou óvulos, respectivamente, e pelas funções decorrentes deles. A atividade e suas manifestações concomitantes – desenvolvimento muscular mais vigoroso, agressividade, maior intensidade da libido – costumam ser vinculadas à masculinidade biológica, embora essa não seja uma associação necessária, já que existem espécies animais em que essas propriedades correspondem antes, à fêmea. O terceiro sentido, o sociológico, extrai seu conteúdo da observação dos indivíduos masculinos e femininos existentes na realidade. Essa observação mostra que, no que concerne ao ser humano, à masculinidade ou a feminilidade pura, não são encontradas nem no sentido psicológico nem no biológico. Cada pessoa exhibe, ao contrário, uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto, e ainda uma conjugação de atividade e passividade, tanto no caso de esses traços psíquicos de caráter depender dos biológicos, quanto no caso de independê-los⁷.

Freud desenvolveu, por ocasião de seu trabalho com um menino de cinco anos, o “Pequeno Hans”, o conceito do que chamaria de complexo de castração. Em psicanálise, o conceito de castração não corresponde à aceitação habitual de mutilação dos órgãos sexuais masculinos, mas designa uma experiência psíquica completa, inconscientemente vivida pela criança por volta dos cinco anos de idade, e decisiva para a sua assunção de sua futura identidade sexual. Pela primeira vez a criança reconhece, ao preço da angústia, a diferença anatômica entre os sexos. Até ali ela vivia na ilusão da onipotência; dali por diante, com a experiência da castração, terá de aceitar que o universo seja composto de homens e mulheres e que o corpo tenha limites⁸.

De acordo com Freud, a menina, diante da evidência da falta de um pênis, pode adotar três atitudes diferentes que decidirão o destino de sua feminilidade:

1. Ausência da inveja do pênis – A primeira reação da menina diante da falta é ficar tão assustada com sua desvantagem anatômica a ponto de se desviar de maneira generalizada de toda a sexualidade;
2. Vontade de ser dotada do pênis do homem – A segunda reação é obstinar-se em acreditar que um dia ela poderá possuir um pênis, tornando-se semelhante aos homens. Nesse caso ela nega o fato de sua

castração e preserva a esperança de um dia ser detentora de um pênis. Ela não desiste de sua masculinidade ameaçada “O complexo de masculinidade da mulher, pode também concluir-se numa escolha de objeto sexual homossexual manifesta”. A inveja do pênis neste caso consiste na vontade de ser dotada do pênis do homem.

3. Vontade de ter substitutos do pênis – A terceira reação da menina é o reconhecimento imediato e definitivo da castração e caracteriza-se por três mudanças importantes: a) mudança do parceiro amado, ou seja, a mãe cede lugar ao pai; b) mudança da zona erógena: o clitóris cede lugar à vagina; c) mudança do objeto desejado, ou seja, o pênis cede lugar a um filho⁹.

Em seu livro “Deslocamentos do Feminino”⁹, Kehl nos questiona se existe cura para o sofrimento fundamental e repetitivo das mulheres: a inveja do pênis, atribuição de poder, significado do desejo inconsciente. Propõe-nos que talvez Freud, ao analisar as histéricas dentro da psicanálise, iniciou atribuindo significado a essas mulheres, dando surgimento da significante “A Mulher”. A única diferença entre um homem e uma mulher é que uma mulher é também uma mulher. Kehl, citando Freud, nos diz que:

“Realizar um desejo, é dotá-lo de expressão, que é o que as histéricas fazem. Esta foi a escuta de Freud, e que até hoje é recontextualizada, a uma feminilidade que há mais um século não nos serve mais”.

Freud, inserido às limitações próprias de seu tempo, nos propôs uma saída para as histéricas, uma reconciliação com a sua feminilidade. As histéricas fundaram a psicanálise, tentando dizer a seu médico coisas além de seu tempo, ou tentando expressar coisas para as quais não tinham palavras.

Em seu livro, Kehl faz uma análise da personagem Emma Bovary, personagem do livro de Gustave Flaubert. Kehl nos diz que:

“Mulheres, que os psicanalistas hoje talvez não estejam conseguindo ouvir, podem estar demandando outras escutas que lhes possibilitem se constituir não como histéricas, mas como sujeitos em busca de um discurso próprio, através do qual possam buscar um destino diferente de Marta Freud. E diferente também do de Emma Bovary, que foi buscar no suicídio o único

ato capaz de criar um significante que marcasse sua passagem pelo mundo”¹¹.

Kehl, em seu blog, em 2012, afirma:

“Há cem anos não se fala em outra coisa. O falatório surpreenderia o próprio Freud. Se ele criou um espaço e uma escuta para que a histérica pudesse fazer falar seu sexo, num tempo cuja norma era o silêncio, o que restaria ainda por dizer ao psicanalista, quando a sexualidade circula freneticamente em palavras e imagens, como a mais universal das mercadorias? Parece que nada mudou muito: mulheres e homens continuam procurando a psicanálise para falar da sexualidade e suas ressonâncias; mas o que se diz ali já não é a mesma coisa. “O que devo fazer para ser amada e desejada?”, perguntam as mulheres, com algum ressentimento: não era de se esperar que o amor se tornasse tão difícil já nos primeiros degraus do paraíso da emancipação sexual feminina. “O que faço para ser capaz de amar aquela que afinal me revelou o seu desejo?” perguntam os homens, perplexos diante da inversão da antiga observação freudiana, segundo a qual é próprio do feminino fazer-se amar e desejar o próprio do homem, narciso ferido eternamente em busca de restauração, amar sem descanso aquela que parece deter os segredos da sua cura. Mulheres que já não sabem se fazer amar, homens que já não amam como antigamente. Como se pedissem aos psicanalistas: “o que faço para (voltar a) ser mulher?”, “como posso (voltar a) ser homem?.”

2.6. Novas organizações familiares e o papel da mulher

Roudinesco, fazendo uma análise histórica da construção da família, refere uma nova organização familiar nos dias de hoje, partindo do modelo edipiano que se sustenta em três pilares: “a revolução da afetividade, que exige cada vez mais que o casamento burguês seja associado ao sentimento amoroso e ao desabrochar da sexualidade feminina e masculina; o lugar preponderante concedido ao filho, que tem como efeito maternalizar a célula familiar; a prática sistemática de uma contracepção espontânea que dissocia o desejo sexual da procriação, dando origem a uma organização mais individual de família”¹¹.

Mais recentemente, com a maternalização da família, o poder do pai passou a ser cada vez mais abstrato, e conta unicamente com seu patrimônio para afirmar seu lugar simbólico. Já o filho assume uma posição mais central na família e deixa de ser visto como um objeto para se colocar como um sujeito que significa uma continuidade ou um prolongamento dos pais, passando então a ser desejado. O lugar da mulher em progressiva emancipação a partir do final do século XVIII – graças à organização do feminismo em movimento político – é ampliado, sobretudo no campo da sexualidade. Na medida em que tem o prazer dissociado da finalidade de procriação, deixa de ser apenas esposa e mãe e vai se individualizando.

Roudinesco afirma que, ao contrário do que se pensou, a família não se dissolveu, mas se reorganizou de forma horizontal e em redes, garantindo a reprodução das gerações. O casamento perdeu o ornamento da sacralidade, e em constante declínio é hoje caracterizado pela união afetiva de cônjuges – com filhos ou não que, buscando o refúgio das desordens do mundo exterior, unem-se não mais por uma vida, mas por um período aleatório que, como em mais de um terço dos casos, termina em divórcio¹¹.

3. Vinheta clinica

Rafaela, sexo feminino, 18 anos, branca, mora com o pai, mãe e dois irmãos mais novos de 13 e 8 anos, não tem filhos, sem religião, estudante do primeiro semestre de economia, procurou tratamento por apresentar crises de choro e angústia há cerca de três meses.

Rafaela tem pensado em mudar de curso. Relaciona-se bem com os irmãos apesar de achar-se distante deles. Tem brigado constantemente com os pais, discutindo principalmente com a mãe. Namora Mariana que é dois anos mais velha. As brigas com os pais têm ocorrido com frequência, pois a cada vez que Mariana vai dormir na casa dos pais de Rafaela, a família tem que se reorganizar nos quartos: dormem o pai e o irmão no quarto de casal, Rafaela e Mariana no outro quarto e a mãe e a irmã menor na sala. Os pais se separaram há cerca de dois anos, mas continuaram vivendo juntos. Há cerca de dois meses voltaram, mas continuaram dormindo separados: o pai e o irmão em um quarto e Rafaela, a mãe e a irmã em outro.

Há cerca de um ano e meio começou a se envolver com um grupo de mulheres feministas. Rafaela, a namorada e as amigas acreditam que são vítimas de uma sociedade machista que impõe e maltrata as mulheres. Conta que sempre tem medo de ser assaltada ou estuprada quando está sozinha, e um homem se aproxima.

Apaixonou-se aos 14 anos por um rapaz que conheceu pela internet e que morava em outro Estado. Como presente de 15 anos, pediu que os pais lhe dessem uma passagem de avião para que pudesse conhecer o rapaz. Rafaela foi, ficou hospedada na casa dos pais dele, voltou para Porto Alegre e

depois de alguns dias o rapaz lhe falou que estava namorando outra pessoa. Essa fase foi muito difícil, sentiu-se extremamente magoada.

Sofria *bullying* por ser gorda e tirar boas notas. Começou a tomar laxantes, a ficar dias sem comer. No ano seguinte mudou de turma no colégio, estava mais magra, se relacionou com alguns colegas que ficavam com várias amigas dela. Começou a sentir que os homens a tratavam como mercadoria até que conheceu Mariana. A namorada já estava ligada ao grupo feminista. Rafaela conta que se sente mais confortável, acolhida pelas mulheres. Conta que o grupo lhes ajuda a ter voz para falar sobre como se sentem oprimidas com várias questões, já que hoje em dia Rafaela não consegue mais conversar com a mãe. Antes, eram muito amigas, mas de alguns anos pra cá tudo vira discussão. Refere existir um senso comum de que as mulheres, são injustiçadas socialmente, têm menos acesso a bons cargos, pouca liberdade sexual, sofreram de muitos maus tratos. E somente poderiam ser ouvidas por outras mulheres, só poderiam ser entendidas de forma acolhedora por alguém semelhante: ou seja, outras mulheres com questionamentos parecidos.

Rafaela tem uma grande capacidade de ajudar as pessoas, se interessa por questões políticas e sociais, no ano passado ganhou um prêmio pela participação em projetos sociais para escolas de Ensino Médio.

4. Discussão

O caso clínico apresentado acima, exemplifica um tipo de funcionamento familiar muito comum nos dias de hoje, onde os papéis se confundem e se misturam, contribuindo para um sentimento de insegurança e desamparo intensos aos membros desta família, principalmente aos filhos. Sentimento este que pode levar ao desenvolvimento de transtornos de personalidade e a quadros psicopatológicos mais graves.

A maneira com que a paciente se sintonizou inicialmente com o amor de um homem aos 15 anos foi devastador, confuso, frustrante. Em alguns casos, as organizações familiares atuais favorecem um tipo de “liberdade” que fica introjetada como abandono.

A paciente relatada, em busca de acolhimento e limites, se envolveu com uma garota do mesmo sexo, com quem se sente protegida, e com quem aprendeu sobre movimentos feministas, o que cada vez mais tem preenchido um vazio em sua vida. Através destes movimentos a paciente se sente importante e pertencendo a um grupo forte, onde ela, junto com todas as outras mulheres, tem o poder. A baixa autoestima dá lugar a um sentimento onipotente de ser detentora de um pênis.

A participação da paciente em um grupo feminista alivia a sua angústia; desta forma consegue dar voz aos sentimentos dolorosos de estar perdido, estar submissa e estar impotente frente aos riscos que corre.

A paciente Rafaela é parte da geração do livre arbítrio das mulheres, a Terceira Mulher, aquela que é dona de seu destino, de seu corpo e de sua

posição social. Uma mulher que deixou de ser uma invenção do homem está em constante mutação e se reinventando diante da sociedade contemporânea. Rafaela está ligada ao movimento feminista, na tentativa de inventar o próprio destino de acordo com suas necessidades internas.

Entretanto, todo este esforço por igualdade, mesmo com o apoio da namorada e do grupo de feministas, não aliviou seu sofrimento, já que veio para tratamento muito deprimida. Teve crises de choro, sensação de estar perdida e solitária. Parece que esta luta por um ideal feminista não é o que vai fazê se sentir melhor com sua vida, talvez a busca devesse ser outra, uma busca muito mais interna do que externa.

5. Considerações finais

Como referido anteriormente, Freud criou um espaço para falar sobre sexualidade. Há 100 anos não falar sobre sexualidade trazia sintomas histéricos. Nos dias de hoje a sexualidade circula freneticamente na mídia e nas mentes, e a busca de tratamentos psicoterápicos segue sendo uma maneira de buscar o entendimento da sexualidade e suas vicissitudes. É impossível falar sobre feminismo sem falar sobre sexualidade. Uma coisa está vinculada à outra, faz parte da outra.

O feminismo se desenvolveu a partir da radicalização do racionalismo iluminista e da ideologia igualitária da Revolução Francesa, cujo lema era: Igualdade, Liberdade e Fraternidade. As feministas, assim como a paciente, objetivam principalmente as igualdades econômicas, política e social entre homens e mulheres, a legalização do aborto, a liberdade sexual, a afetividade nas relações humanas, como uma forma de se sentirem mais valorizadas.

Os movimentos feministas atuais buscam a autenticidade e o reconhecimento dos papéis desempenhados pelas mulheres de hoje. Trata-se de um novo modelo que comanda o lugar e destino social do feminino. As feministas querem autonomia em relação à influência tradicional exercida pelos homens sobre as definições e significações imaginário-sociais das mulheres.

Retomando Lipovestky, apesar de a mulher atual ter seu livre arbítrio, ter liberdade sexual e independência, ainda há um apego afetivo aos antigos papéis; os papéis sociais seguem diferenciados, deixando um campo fértil para os movimentos feministas. De qualquer forma, o século XXI traz novas possibilidades para as mulheres. Dentre as mutações socioculturais, temos a ruptura histórica na maneira pela qual é construída a identidade feminina, bem como a relação entre os sexos, resultantes da transformação sem precedentes no modo de socialização e de individualização do feminino.

As demandas para essa Terceira Mulher permanecem: a descriminalização do aborto e a liberdade sexual; o fim da desigualdade salarial e a denúncia da jornada intensiva do trabalho das mulheres, a dupla jornada no emprego e no lar; o combate à cultura do estupro, que culpabiliza as vítimas pelo seu comportamento ou pela sua vestimenta, e o combate à educação sexista, base da violência contra a mulher; além de reivindicações específicas das mulheres negras, lésbicas e transexuais. A mulher deixou de ser definida como segundo sexo ou 'mulher-objeto' e é entendida em relação ao outro e ao mundo.

Ao mesmo tempo, parece ser de fundamental importância, olhar de forma individual o que está por trás desta luta feminista, quais as fragilidades, as faltas, o desamparo que deu origem a tanta gana por uma igualdade, que muitas vezes vai além da luta pela igualdade de direitos e da luta pelo respeito ao ser humano, independente do sexo. Em que momento da estruturação da personalidade a mulher não conseguiu acompanhar o desabrochar da feminilidade possibilitando que a mesma desfrutasse do prazer de ser mulher, diferente de ser homem. Uma análise mais aprofundada do psiquismo de cada mulher que se diz feminista será de suma importância para entender seus porquês e aliviar suas angústias.

6. Referências Bibliográficas

1. BEAUVOIR, D. Simone. O segundo sexo. Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
2. PINTO, Célia Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Rev. Sociol. Polit.* [online]. 2010, vol.18, n.36, pp.15-23. ISSN 1678 - 1873. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>.
3. BEAUVOIR, D. Simone - Disponível em: (<https://avecbeauvoir.wordpress.com/2010/10/21/segundosexo/>), acessado em 17/07/2017.
4. FRIEDAN, B., em Mística feminina: O livro que inspirou a revolta das mulheres americanas, 1ª edição, Petrópolis, Editora Vozes Limitada, 1971, 325 páginas.
5. (Lipovetsky, 2000).
6. LIPOVETSKY, G. A terceira mulher: permanência e revolução do feminino. Editora Companhia das Letras, 2000.
7. Blog Femen, Sobre o Grupo, disponível em: (<http://femen.org/about-us/>), acessado em 17/07/2017.
8. FREUD, S. As transformações da puberdade (III) in Os três ensaios sobre a sexualidade, vol. VII. Edição Standart Brasileira das Obras Completas de S. Freud, nota de rodapé, pg 207, 1905.
9. NASIO, J.-D. Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise. Jorge Zahar, 1997. ISBN 8571100888.
10. KEHL, M.R. Deslocamentos do feminino – a mulher freudiana na passagem para a modernidade, Rio de Janeiro : Imago, 1998. 345 p., capítulo III, pg 185.
11. KEHL, M.R., Feminismo, feminilidade e a mínima diferença. Disponível em: (<https://divaanblog.wordpress.com/2015/10/24/feminismo-feminilidade-e-a-minima-diferenca/>), acessado em 22-06-2017.
12. ROUDINESCO, E., A Família em desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 199 pp.